

A influência do imaginário evangélico do fim do mundo no Brasil e a perspectiva de um mundo melhor

The influence of the evangelical imaginary of the end of the world in Brazil and the perspective of a better world

Valtenci Lima de Oliveira¹

Orivaldo Pimentel Lopes Júnior²

Resumo: O imaginário é um campo rico nas Ciências Humanas também para compreender a atitude de grupos frente às crises que atravessam. Neste artigo nos propomos a discorrer sobre como a construção do imaginário apocalíptico cristão evangélico no Brasil, especialmente, pré-milenarista, caracterizado por uma noção disjuntada de tempo, influencia ou contribui na perspectiva de um “mundo melhor ali e depois” em contraposição a um “mundo melhor aqui e agora”. Com o aporte da teoria do imaginário, procuramos demonstrar o modo como a escatologia que foi difundida entre os evangélicos brasileiros tradicionais e pentecostais abre caminho para uma atitude de negação do mundo.

Artigo recebido em: 16 de set. de 2022

Aprovado em: 20 de jan. 2023

¹ Valtenci Lima de Oliveira, Bacharel em Teologia pela Faculdade Unidade de Vitória (FUV), licenciado em História pela Universidade Educacional da Lapa (UNIFAEEL), licenciado em Filosofia pela Faculdade Entre Rios do Piauí (FAERPI), especialista em Teologia pela Faculdade Batista do Rio de Janeiro (FABAT) e Mestrando em Ciências Sociais do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (PPGCS-UFRN). Membro do Grupo de Pesquisas Mythos Logos (PPGCS-UFRN). E-mail: prvaltencioliveira@gmail.com <http://orcid.org/0000-0001-7031-1486>

² Professor Orivaldo Pimentel Lopes Jr. Doutor (PUC – SP) e pós-doutor (Università degli Studi di Padova) em Ciências Sociais, especialista em estudo da religião e da epistemologia das Ciências Sociais. Coordenador do PPGCS-UFRN, Grupo de Pesquisa Mythos-Logos e Plataforma Nosso Futuro Comum do Instituto Humanitas. E-mail: orivaldojr@yahoo.com.br. Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8114-4169>

Palavras-chaves: Imaginário; Apocalipse; Pré-milenarismo; Fundamentalismo.

Abstract: The imaginary is a rich field in the Human Sciences also for understanding the attitude of groups in the face of the crises they are going through. In this article we propose to discuss how the construction of the evangelical Christian apocalyptic imaginary in Brazil, especially the premillennial one, characterized by a disjointed notion of time, influences or contributes to the perspective of a “better world there and then” as opposed to a “better world here and now”. With the contribution of the theory of the imaginary, we seek to demonstrate how the eschatology that was disseminated among traditional Brazilian and Pentecostal evangelicals opens the way to an attitude of denial of the world.

Keywords: Imaginary; Apocalypse; Premillennialism; Fundamentalism.

Introdução

Ainda convivemos sob a égide de uma crise global provocada pelo flagelo SARS-CoV, vírus causador da COVID-19, que segundo a Organização Mundial de Saúde já tinha dizimado mais de cinco milhões de pessoas em todo o mundo até dezembro de 2021.

Não é de se estranhar que quando ocorrem eventos catastróficos como esse, a humanidade recorra a narrativas de cunho religioso para tentar compreender o que está acontecendo. Assim, a literatura em momentos e circunstâncias como estas acaba por aguçar e construir o imaginário social e apocalíptico,³ sobre o problema em questão, nos levando a indagações, preocupações e reflexões de cunho filosófico, antropológico, sociológico, cosmológico, teológico...

Então, seja a Covid-19, que vivenciamos, oficialmente, desde 2020, ou a Peste Bubônica, que entre 1347 e 1351 dizimou mais de 50 milhões de pessoas em toda Europa e Ásia, ou ainda, o conhecido grande terremoto de Lisboa, em 1755 com magnitude de 9 graus na escala Richter que fez mais de 80 mil mortos. O naufrágio do

³ O termo apocalíptico (revelação) se refere a um tipo de literatura piedosa desenvolvida no âmbito judaico-cristão, cujo principal exemplar é o conhecido livro bíblico Apocalipse, supostamente escrito pelo apóstolo João, próximo ao final do Séc. I d.C. Com sua simbologia judaico-cristã, narra por intermédio de visões cataclísmicas o que parece ser o fim e, também o recomeço de um novo mundo regido por Cristo. Assim, sob a influência do imaginário cristão, todas as vezes que ocorre um evento cataclísmico logo se diz que ele é apocalíptico.

transatlântico Titanic, que resultou na morte, em 1912, de mais de 1500 pessoas. Também o flagelo da Gripe Espanhola, que após a Primeira Grande Guerra matou milhões de pessoas em todo mundo. A tragédia de Chernobyl em 1986. Ainda, os Tsunamis tão devastadores que a humanidade tem sofrido, como o de 2004 no Oceano Índico que dizimou mais de 200 mil pessoas, ou o terremoto devastador no Haiti em 2010. Também os genocídios perpetrados pelos próprios seres humanos contra seus semelhantes, como a tragédia colonial em que dezenas de milhões de pessoas foram mortas, ou dos campos de concentração nazistas, e tantos outros. Da manhã fatídica de 11 de setembro de 2001, com o ataque terrorista as torres gêmeas nos EUA; nada disso foge de nossas lembranças, permanecendo vivas, vão dando forma e construindo o imaginário.

Nossa pergunta neste ponto é: o que todos esses eventos ou acontecimentos tem em comum quando pensamos em termos de imaginário do além-mundo?

Quando usamos o termo imaginário, muito distante do que se pensa ou do que foi consagrado pelo senso comum, não estamos nos referindo a algo que seja fictício ou mesmo aquilo que não é real ou, ainda, aquilo que não corresponde ao que é verdadeiro e factual. Pelo contrário, para Durand, “o imaginário, longe de ser uma paixão vã, é ação eufêmica e transforma o mundo.”⁴ Portanto, pensando em termos de imaginário apocalíptico, este, pode ser entendido como a associação de atitudes imaginais que desembocam na produção e, também, reprodução, tanto de símbolos, como imagens, mitos, arquétipos pelo humano que procura dar sentido e respostas ao problema cosmológico do fim.

Assim, nosso interesse neste artigo é discorrer sobre como a construção do imaginário apocalíptico cristão-evangélico, especialmente, pré-milenarista,⁵ caracterizado por uma noção

⁴ DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod, 1984, p. 501.

⁵ Pré-milenarismo é uma das ramificações do Milenarismo, que segundo Valtair Miranda, foi um movimento muito forte no Séc. II e III, d.C por teólogos que interpretaram o Milênio narrado no capítulo 20 do livro Apocalipse como um acontecimento literal. Estes autores foram também conhecidos como *quiliastas* por conta do termo grego *quília*, traduzido por *mil*. Eles ao interpretarem o texto sobre o milênio acreditavam que Jesus Cristo retornaria sobre a terra e estabeleceria um reinado de prosperidade por mil anos. Os pré-milenaristas, relacionam estes mil anos com o retorno de Cristo a Terra. Isto é, primeiro Cristo arrebatará os fiéis, evento conhecido como Arrebatamento da Igreja, segue-se um período de sete anos de muitas dificuldades e tormentos conhecido como Grande Tribulação. No pior momento desta tribulação Cristo voltará visivelmente, acompanhado dos

disjuntada de tempo, influencia ou contribui na perspectiva de um “mundo melhor aqui e agora” em contraposição a um “mundo melhor ali e depois”, isto é, somente no além-mundo?

1 - O imaginário do “além-mundo”

O problema do fim do mundo ocupa a muito tempo uma posição privilegiada no imaginário cristão que se espraia para o imaginário social e popular, especialmente, em momentos de crises agudas da sociedade.

Assim, todas as vezes que a humanidade passa por crises de proporções catastróficas logo o imaginário sobre o fim do mundo retorna. Um imaginário que se traduz tanto em esperança de um mundo melhor quanto no medo acerca de como essa transição do mundo atual para o mundo futuro se dará. Como consequência disso foi construída a ideia de que não há como se ter um mundo melhor no futuro sem que no presente a humanidade viva um apocalipse. Sendo assim, a ponte para um mundo melhor seria uma hecatombe apocalíptica.

Este imaginário cristão-evangélico do fim, de certa forma, é produto da história que por intermédio da literatura, das artes, dos símbolos e mitos foi se desenvolvendo e ajudando na leitura e interpretação do mundo real. É o passado interpretando o presente e prospectando o futuro!

Assim, cada catástrofe na história da humanidade é representada no imaginário apocalíptico como a ira da divindade contra os pecados, a sanha do Antimessias, a liberação das forças da maldade e opressão, a provação dos fiéis, e a proximidade do juízo final. Na Idade Média, por exemplo onde o imaginário apocalíptico mais floresceu e tomou corpo, as pessoas aguardavam o dia da cólera (divina) que provocaria, tumulto e a destruição de todas as coisas visíveis.⁶ Aliás, a Peste Negra e a mortandade do flagelo foi vista como

fiéis, derrotará os poderes do mal e estabelecerá o seu Reino Milenar de paz e prosperidade. É, somente após todos estes acontecimentos que ocorrerá o fim de tudo e o recomeço de um novo mundo. (MIRANDA, 2011, p.133-142). Existem além da interpretação formulada pelos pré-milenaristas, a pós-milenarista e a amilenista, que são maneiras diferentes de compreensão do *quiliasmo* ou *milênio*.

⁶ DUBY, G. Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos. (Trad. de Eugênio Michel da Silva, Maria Regina Lucena Borges-Osório). São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998, p. 20.

o cumprimento do apocalipse e ficou retida no imaginário, fazendo crescer ainda mais o medo do apocalipse.

Gilbert Durand (1921-2012) é filósofo da ciência e fundador do Centro de Pesquisa do Imaginário de Grenoble, reconhecido nos estudos do imaginário como aquele que ampliou e difundiu as ideias e o pensamento de outro filósofo do imaginário, Gaston Bachelard (1884-1962). Para Durand, diante da angústia da morte e das transformações futuras, o ser humano acaba por adotar ações imaginativas tanto para negar seu destino quanto para resignificá-lo. Desta forma, suas percepções imaginativas acabam lançando-o na produção e reprodução de símbolos, mitos etc; que vão dando forma ao imaginário e funcionam como reprodutores de equilíbrio biopsicossocial diante do medo da temporalidade e do devir.⁷

A construção do imaginário do além-mundo, especialmente aquela ancorada nas reflexões pré-milenaristas, acabaram se desenvolvendo de forma mais volumosa a partir de uma figura central na história do milenarismo medieval, Joaquim de Fiore (1135-1202). Se bem que tanto os escritos e interpretações de Fiore quanto outros do período anterior a ele, especialmente, de autores do séc. II e III d.C e mesmo posterior, se valeram da literatura apocalíptica judaica,⁸ com suas imagens, símbolos e escritos que sempre admitiram uma guerra de proporções alarmantes entre os agentes do bem representados por Deus, os anjos e seus seguidores e os do mal representados pelo Diabo, os demônios e seus seguidores. Guerra esta que culmina na vitória do bem contra o mal e que inaugura um novo mundo ou um novo tempo na história da humanidade, como por exemplo, o próprio Joaquim de Fiore vai conceber em sua leitura do livro bíblico apocalipse de João de Patmos.

Pensando em apocalipse e imaginário do além-mundo merece destaque a trajetória antropológica construída por Durand, que em sua classificação sobre os símbolos que pavimentam o imaginário,

⁷ DURAND, Gilbert. *A imaginação simbólica*. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1993, p. 97-110.

⁸ A literatura apocalíptica se constitui em um gênero de literatura de revelação, com uma estrutura narrativa, no qual a revelação é mediada por um ser sobrenatural a um ser humano, revelando uma realidade transcendente que é tanto temporal, quanto espacial, enquanto envolve outro mundo sobrenatural. Foi somente a partir do século XIX, após ampla discussão acadêmica que a vasta literatura apocalíptica, inclusive com os textos que foram encontrados nos Manuscritos de Qunram ocuparam um papel importante na hermenêutica dos textos da Bíblia (MIRANDA, 2011, p. 25).

classificou-os como aqueles do Regime Diurno (RD) e, também, os do Regime Noturno (RN). Esta categorização dá ainda mais substância para pensarmos no imaginário apocalíptico, tão povoado pela rica simbologia judaico-cristã. Por um lado, Durand, argumenta que o RD, ligado a figura paterna é constituído por atitudes bélicas e heroicas contra as trevas, estas por sua vez são categorizadas como RN que é a antítese ou o paradoxo do RD. O RN é povoado ou habitado no processo de eufemização,⁹ além das trevas, por abismos, buracos, quedas abruptas, descidas e etc.¹⁰

Outrossim, o filósofo da ciência e antropólogo Bruno Latour, também fala da importância dos “seres da ficção” que podem ser equivalentes conceitualmente ao imaginário. Ele destaca a importância dos seres da ficção na apreensão da realidade:

... são essas entidades presentes em todos os lugares que pesam sobre nós com um peso muito particular de realidade e que, para sermos breves, chamaremos de seres de ficção {...}. Como veremos, esse termo não deve dirigir a atenção para a ilusão, para o falso, mas para o fabricado, o consistente, o real.¹¹

Como o imaginário para Latour é povoado pelos *seres de ficção*, é necessário estar atento às múltiplas representações dos modos de existência para se compreender a realidade e evitarmos a bifurcação entre a razão e os sentidos e emoções que dificultam a apreensão do real.¹²

Então, o imaginário cristão-evangélico do além-mundo, foi construído, de modo privilegiado no Ocidente, por intermédio das leituras e interpretações do livro bíblico da revelação, o Apocalipse de João, que de certa forma ecoa a inúmeros textos antigos, bíblicos e da vasta literatura apocalíptica, como os mitos antigos do combate nos quais um evento apocalíptico precede a instauração da ordem.

Neste novo mundo transcendental, que só acontecerá após um apocalipse, não haverá guerras, mortes, catástrofes, doenças, falta de moradia, corrupção e etc. É o mundo ideal onde as trevas serão dissipadas pela luz. Não é de se admirar o porquê das pessoas,

⁹ Eufemização é uma figura de linguagem que suaviza termos que seriam mais fortes.

¹⁰ DURAND, Gilbert. O imaginário. Rio de Janeiro: Difel, 2004, p. 188.

¹¹ LATOUR, Bruno. Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos / Bruno Latour; tradução Alexandre Agabiti Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019, p. 198.

¹² LATOUR, 2019, P. 196.

especialmente, se levarmos em consideração as afirmações que estamos em um mundo pós-cristão, alimentarem esse imaginário, pois em tudo ele se contrapõe ao sofrimento humano, e em especial nos momentos de grande crise coletiva.

Exemplo clássico do imaginário apocalíptico cristão é a obra “O Peregrino”, que foi escrito na prisão em 1678 pelo pastor inglês puritano John Bunyan, acusado de dissidência contra a igreja anglicana. Nele, o autor de forma alegórica narra a história de uma personagem a quem chama de “cristão” que para chegar no mundo ideal, o Céu,¹³ precisou passar por uma série de intempéries durante sua travessia no mundo real. Em determinado momento desta travessia ou peregrinação, fortalecendo o imaginário sobre o além-mundo, especialmente, relacionado ao “Céu” como morada de Deus e de todos aqueles que lhe obedecem, Bunyan, descreve a conversa das *personagens da ficção*, como diria Latour; Cristão e Esperanço:

Com os seres resplandecentes conversaram sobre a glória do lugar, e eles lhes disseram que a beleza e a glória eram simplesmente indizíveis. – Ali – disseram – estão o monte Sião, a Jerusalém celeste, o inumerável exército dos anjos e os espíritos aperfeiçoados dos homens justos. Agora vocês estão indo para o paraíso de Deus, onde verão a árvore da vida e comerão dos seus frutos eternos. E quando lá chegarem, receberão mantos brancos, e viverão todos os dias ao lado do Rei, por toda eternidade.¹⁴

É, de fato, convergente, que tanto os seres ficcionais de Latour como também, as categorias elencadas por Durand, na trajetória antropológica estão contemplados não só na narrativa acima mas em toda esta obra riquíssima do universo mítico-simbólico característico do imaginário. É possível que Bunyan, sendo cristão, e tantos outros escritores cristãos para se expressarem sobre o além-mundo o fizeram olhando para um dos textos da Bíblia mais recorrentes na formulação deste imaginário.

Então vi um novo céu e uma nova terra, pois o primeiro céu e a primeira terra tinham passado; e o

¹³ Optamos neste artigo, pela exiguidade de espaço e, também, por uma questão epistemológica de tratarmos apenas do aspecto relacionado ao “Céu”, no além-mundo, e não sobre o infortúnio do “Inferno” que, também, é um aspecto do imaginário do além-mundo.

¹⁴ BUNYAN, John. *O Peregrino*. (Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. 1ª Ed). São Paulo: Mundo Cristão, 2006, p. 227.

mar já não existia. Vi a cidade santa, a nova Jerusalém, que descia do céu, da parte de Deus, preparada como uma noiva adornada para o seu marido. Ouvi uma forte voz que vinha do trono e dizia: "Agora o tabernáculo de Deus está com os homens, com os quais ele viverá. Eles serão os seus povos; o próprio Deus estará com eles e será o seu Deus. Ele enxugará dos seus olhos toda lágrima. Não haverá mais morte, nem tristeza, nem choro, nem dor, pois a antiga ordem já passou". Aquele que estava assentado no trono disse: "Estou fazendo novas todas as coisas!" E acrescentou: "Escreva isto, pois estas palavras são verdadeiras e dignas de confiança."¹⁵

Portanto, o imaginário do além-mundo, com toda a sua mítica e simbologia foi sendo construído no decorrer dos séculos proporcionando um certo alívio, no sentido de que após todos os cataclismos vividos pela humanidade um novo mundo de paz e harmonia terá início. A ideia central é a de que o bem triunfará sobre o mal.

2 - O escapismo do “aqui e agora”

É significativo que todos os cataclismos vividos pela sociedade, associados ao imaginário do além-mundo e, especialmente, à teoria apocalíptica pré-milenarista, acerca do fim do mundo, defendidas por uma parte significativa de cristãos, tenham fomentado a ideia de que estamos nos aproximando do fim do mundo e de que nada há que possamos fazer para mudar este *status quo*.

Na tentativa de compreensão dos acontecimentos relacionados ao fim, do ponto de vista, cosmológico, os pré-milenaristas se valeram de uma espécie de “escatologia pessimista”¹⁶, que se apoiou numa visão positivista e cientificista do conhecimento.

Assim, quando este grupo se valeu do fundamentalismo, em sua busca por certezas absolutas, aplicando-o na sucessão dos acontecimentos, de um ponto de vista bíblico teológico, percebeu que

¹⁵ BIBLIA. Português. Bíblia Sagrada NVI (Nova Versão Internacional). 1ª Ed. São Paulo: Geográfica Editora, 2021, (Apocalipse 21.1-5).

¹⁶ Enquanto Escatologia é o campo da teologia que estuda os acontecimentos relacionados a finitude tanto antropológica quanto cosmológica, o termo pessimista, indica que este será precedido de situações catastróficas cada vez mais volumosas que lançará o planeta num caos irremediável, sem que haja nenhuma possibilidade de melhora a não ser no novo mundo que virá.

era necessário encontrar uma linearidade nos acontecimentos do futuro, o que acabou gerando uma visão distorcida e reducionista desta temática.¹⁷

Então, o imaginário apocalíptico pré-milenarista foi sendo construído por parte significativa de cristãos a partir da literatura produzida, relacionada, sobretudo aos textos do livro de apocalipse, que como já afirmamos, foi catalisador das peças formadoras deste imaginário; entre outros textos da literatura apocalíptica. Dessa maneira, ao comparar e traçar um paralelo dos textos com as catástrofes do mundo atual, este imaginário, é sempre revivido, reconfigurado e reforçado.

Sobre este imaginário tão presente Latour comenta:

Começa-se a opor o tempo que passa ao tempo que deve terminar para se acessar o que dura. É o caso dos milenaristas, ou, por uma reversão ainda mais estranha, começa-se a afirmar que o tempo da espera terminou, que a história terminou, que ela terminará em breve! Assim que o “tempo do fim” é traduzido por “fim dos tempos”, nós nos encontramos a beira de uma metamorfose vertiginosa – e a tentação se torna irresistível de passar para o outro lado, abandonando o tempo da finitude e da mortalidade.¹⁸

Percebemos então que a construção do imaginário do além-mundo considerado como base nesta explicação escatológica positivista e reducionista, promoveu a ideia no seio de considerável parcela do cristianismo de que é preciso aguardar o novo mundo que irromperá em breve; sendo, lógico, precedido de eventos cataclísmicos cada vez maiores e mais intensos.

Esta leitura acabou produzindo uma visão negativa¹⁹ da realidade temporal, fazendo com que, de forma pessimista quanto ao tempo presente, os defensores desta vertente escatológica não vislumbrem qualquer possibilidade de melhoria no mundo atual. Como concluiu Latour, no texto que citamos, o que existe “é uma

¹⁷ LOPES Jr, Orivaldo P. Um outro mundo já começou: questões para a escatologia cristã – Horizonte – Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião, v. 10, p. 638-649, 3 jul, 2012.

¹⁸ LATOUR, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020, p. 310.

¹⁹ É necessário discorrer ainda sobre a escatologia triunfalista por outra vertente do Milenarismo que é o pós-milenarismo, que entendemos ser, também, um entrave para uma transformação do mundo “aqui e agora”.

tentação irresistível de abandonar a finitude e mortalidade e passar para o outro lado”.

Assim, especialmente, no Brasil, a juventude cristã-evangélica dos anos 70 foi influenciada por obras pré-milenaristas que fizeram sucesso e que, por conseguinte, serviram ainda mais na promoção de que as coisas são como são e não irão sofrer nenhuma metamorfose a não ser quando da irrupção do Reino de Deus,²⁰ no futuro.

Os jovens foram bombardeados por títulos como *A agonia do grande planeta Terra* (de Hall Lindsay, *Mundo Cristão*), *Satanás está vivo e ativo no planeta Terra* (idem), *Este mundo tenebroso* (de Frank Peretti, *Vida*), *Deixados para trás* (de Tim Lahaye e Jerry B. Jenkins), e outros títulos posteriores, como *O anticristo e a grande tribulação*, *O alinhamento dos planetas... além, claro, da famosa revista Chamada da Meia-Noite*, de Wim Malgo.²¹

Esses livros foram traduzidos e publicados no Brasil por uma série de editoras criadas com recursos principalmente norte-americanos, derramando uma quantidade considerável de textos fundamentalistas e pré-milenaristas que serviram à finalidade da fuga do mundo real e de qualquer possibilidade de transformação dele.

Às publicações, acrescentaríamos o papel fundamental na difusão dessa escatologia dos grupos para-eclesiásticos como o *Palavra da Vida*, *Jovens da Verdade*, *SEPAL...* Foi desta forma, que textos como esses que foram produzidos levando em consideração a hermenêutica pré-milenarista e fortalecendo ainda mais a ideia de que o fim estava próximo e de que qualquer esforço para melhorar a realidade histórica na Terra seria inútil e ainda poderia servir como um atraso para a irrupção deste novo mundo de justiça, paz e equidade. Fortalecia-se a noção entre os cristãos que consumiam esta literatura e, também, entre as pessoas que eram alcançados por elas, por intermédio das conversas cotidianas, que precisavam se preocupar apenas com as questões da espiritualidade, vista de forma

²⁰ O teólogo Georg Eldon Ladd, comenta que o Reino de Deus é o governo dinâmico de Deus no cosmos. É tanto presente a partir da pessoa de Jesus quanto terá sua completude no futuro. Esta perspectiva é paradoxal a da Escatologia Pessimista Pré-milenarista, uma vez que em sua interpretação sugere que o Reino de Deus já teve seu início, por isso as transformações deste mundo para melhor são tanto possíveis quanto já iniciaram por intermédio de Jesus. Mas admite, também, que a totalidade deste Reino se dará no futuro. Esta perspectiva é conhecida na teologia como “o já e o ainda não”. (LADD, 1985, p. 55-66)

²¹ LOPES JÚNIOR, 2012, P. 640.

reducionista, a partir do dualismo alma X corpo, e não com outras questões da existência, uma vez que o “fim” estava próximo.

Como vimos, percebemos nesse movimento, e em especial nessa perspectiva escatológica, a influência e presença do dualismo grego espírito X matéria. Juam Stam (1928-2020), conhecido teólogo latino-americano, em palestra proferida no CLADE III,²² também, argumenta que o enfoque pré-milenarista é pseudoapocalíptico e que o desvio escatológico promovido por intermédio deste fundamentalismo provocou uma teologia defeituosa que repousa sobre o dualismo da filosofia grega.²³

Assim a escatologia pré-milenarista não admite qualquer possibilidade de transformação para melhor no mundo atual. A mudança só ocorrerá no além-mundo. Esta crença, fortíssima do imaginário cristão-evangélico pré-milenarista, também se espalhou para a sociedade provocando com que tanto cristãos como não cristãos se alienassem cada vez mais do tempo presente e não se lançassem em qualquer arremetida para benefício e transformação do mundo atual. Assim, esta posição escatológica, acaba sendo uma das protagonistas de uma separação e ruptura no que diz respeito a uma transformação social, cultural, política, ambiental hoje e outra no além-mundo. Não apenas distingue o tempo presente do futuro, como, também, provoca a total separação entre eles, de forma que não precisamos e nem devemos tentar fazer com que qualquer categoria do mundo ideal, como justiça, equidade, bem-estar etc; possa ajudar a humanidade no mundo real. É a legitimação máxima da fuga ou o escapismo do mundo.

De certo modo, a perspectiva cristã de um mundo melhor era semelhante ao marxismo fundamentalista, que só admitia o melhor dos

²² CLADE, é a sigla para Congresso Latino Americano de Evangelização. O CLADE III, foi realizado em Quito, Equador de 24 de agosto a 04 de setembro de 1992.

²³ STAM, Juan. Palestra Teológica: Escatologia Bíblica e Missão Integral. CLADE III (Congresso Latino Americano de Evangelização). Quito, Equador, 1992, p. 228-246

mundos que viria a surgir através de um choque violento contra o mundo presente. Nada que viesse a melhorar o mundo atual era bem-vindo, pois tais melhorias nada mais fariam do que retardar a luta pelo melhor dos mundos. Tal visão político-escatológica foi criticada pelo filósofo francês Edgar Morin, que cunhou esta magnífica frase: “O maior inimigo de um mundo melhor é o melhor dos mundos.”²⁴

Assim, o escapismo do “aqui e agora”, é produto, em grande parte, do imaginário além-mundo estabelecido e alicerçado em uma leitura escatológica unilateral, explicacionista e dual, que anda de mãos dadas com o racionalismo moderno, cuja ideia é a de disjunção de tempo, que inevitavelmente, desemboca no escapismo e fuga do mundo.

Latour, faz uma crítica aguda a este tipo de objetivismo unilateral fomentado pela modernidade. Em sua teoria Ator-rede, ele defende que para se ter a compreensão mais clara possível do objeto investigado, torna-se necessário que a busca seja pavimentada por intermédio de redes de associações, que leve em consideração cada actante,²⁵ com cada fio condutor. Esta perspectiva, prevê um processo de interação e diálogo com a finalidade de alcançar uma descrição e compreensão mais nítida da realidade.²⁶

Assim, também, para Durand, pensando em termos de como o imaginário é construído, o autor argumenta que esta construção deve ser um espaço de associação de saberes, onde se unem ou se reúnem, por exemplo, o mítico e o simbólico da religião. Também, onde os saberes da arte se relacionam com os saberes da técnica. Onde os saberes são intercambiáveis e se auxiliam num processo de interação para formação do imaginário. Durand afirma que este processo de interrelação é o *inalienável repertório de toda a fantástica*²⁷. Para ele, o imaginário é formado, necessariamente, *por um pluralismo das imagens, e uma estrutura sistêmica do conjunto dessas imagens infinitamente heterogêneas, mesmo divergentes.*²⁸

²⁴ LOPES JÚNIOR, 2012, p. 642

²⁵ Actante, na teoria de Bruno Latour é qualquer ser ou coisa, isto é, humanos e não humanos que participam da ação. (LATOURE, 2012)

²⁶ LATOUR, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012, p. 33

²⁷ DURAND, 1984, p. 498

²⁸ DURAND, Gilbert. *Champs de l'imaginaire: Textes réunis para Danièle Chauvin*. Grenoble: Ellug, 1996, p. 215

Então, como podemos perceber, a construção do imaginário além-mundo na perspectiva pré-milenarista de algumas vertentes evangélicas acabou por desembocar na postura sócio-política dos cristãos, muitas vezes influenciando-a. Sem muita perspectiva para o aqui e agora, por conta de sua escatologia pessimista que como já vimos tem dificuldades de enxergar a possibilidade de melhora deste mundo, o que lhes resta é a fuga da realidade e o lançar-se para o futuro sem preocupar-se, por exemplo, com problemas sociais, com a questão ambiental global vivenciada neste século, com representação política e tudo mais que tenha a ver com o aqui e agora.

Entretanto, é importante ressaltar que existem algumas iniciativas relevantes de grupos cristãos no Brasil e no mundo, de cunho social e educacional, e mesmo político, que têm conseguido ultrapassar os obstáculos promovidos por esta escatologia, e contribuído para o bem comum, mas muito tímidas ainda.

Também é possível notar o fenômeno dos anos recentes de uma incursão de grande volume por parte de evangélicos tradicionais e pentecostais na política, como estamos vendo no Brasil. Mas, ao que se percebe, as intenções e pretensões são de cunho moralista com a finalidade de fortalecer a própria crença e as instituições religiosas. Logo, ao que parece, o interesse é voltado a fins particulares.

Ainda criticando o pessimismo desta escatologia, Rubem Alves fazendo alusão aos pobres, comenta que estes preferem estar na presença de um mágico ou curandeiro, para poder resolver os seus problemas, mas, sem muita esperança, pois eles sabem que nada mudará, talvez seja apenas um paliativo, uma vez que é muito mais garantido acreditar no futuro de que um dia herdarão os céus.²⁹

Então, a tendência desse imaginário escatológico é de acabar legitimando e naturalizando os problemas e infortúnios pelos quais a humanidade passa. Para essa construção da história da teologia cristã não é necessária nenhuma ação na tentativa de transformar este mundo, pois é muito forte e arraigada no imaginário dos que a seguem a ideia de que o mundo atual, na verdade, deve ir piorando até que chegue o seu fim. Pode-se chegar ao ponto de que, qualquer tentativa contrária a esta ideia é vista, no mínimo, como um atrasar da irrupção do novo mundo. Então, nada que promova melhorias, como bem-estar social, preocupações com o cuidado ambiental, com um sistema de saúde de qualidade, etc; são bem vindas. A lógica é quanto pior,

²⁹ ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Loyola, 1999, p. 110.

melhor, pois isso servirá para apressar a vinda do mundo ideal e futuro.

Considerações finais: Uma proposta de interação, “um mundo melhor como possibilidade”

Como vimos até aqui nossas atenções se voltaram para como o imaginário apocalíptico cristão- evangélico do além-mundo formado e alicerçado por intermédio de uma hermenêutica de formulação dualista e positivista acabou criando uma escatologia pessimista, que gerou em uma das vertentes do milenarismo, o pré-milenarismo, a visão e ideia de que “o mundo vai de mal a pior, até que se acabe e, só então, um mundo melhor surja”; desencadeou todo um processo de alienação e abandono do tempo presente por uma parcela significativa de cristãos e até não cristãos que são influenciados por este imaginário.

Pensando nisso, é interessante refletirmos na crítica contundente que Rubem Alves faz ao asseverar que no profetismo hebreu, tão reverenciado pelos cristãos, os profetas não eram omissos e estavam longe de ser apenas videntes de acontecimentos futuros relacionados ao fim do mundo e início de um novo mundo, se bem que este também era um assunto recorrente no profetismo; lança também o nosso olhar para o perigo e influência negativa desta linha escatológica. O autor está convencido de que os profetas entendiam que a vontade de Deus, estava associada e relacionada com a justiça e a misericórdia e, por isso mesmo, as suas prédicas eram, também, políticas e sociais. Eles estavam preocupados e interessados, em denunciar, sobretudo, as injustiças sociais de seu tempo e prover amparo aos homens comuns que eram vilipendiados pelas classes dominantes. Sua esperança no futuro não lhes separava do presente. A escatologia dos profetas era pessoal e cosmológica, social e integradora.³⁰

Desta maneira, os profetas sem abandonar as expectativas de sua crença em um mundo melhor no futuro, não se valiam disso como uma desculpa para o escapismo ou fuga do mundo presente. Pelo contrário, para eles o caos social não era compreendido, de forma reducionista, apenas como uma espécie de sinal de que o fim do mundo estava próximo. Seus oráculos tinham a ver com a situação do aqui e agora; de como os governantes e o povo poderiam ajudar aqueles que necessitavam de amparo, e do quanto ações de compaixão, justiça social, cuidado da vida etc; eram tanto esperadas

³⁰ ALVES, 1999, p.101

quanto aprovadas por Deus. E, isto, não lhes fazia perder de vista a esperança que nutriam acerca do ali e depois.

Esta perspectiva, é encontrado no livro bíblico do profeta Amós³¹ que foi um dos muitos exemplos do profetismo de Israel para alertar os governantes e a sociedade quanto a preocupação, especialmente, com a justiça social. Em uma de suas profecias eles diz:

Vocês estão transformando o direito em amargura e atirando a justiça ao chão, (aquele que fez as Plêiades e o Órion, que faz da escuridão alvorecida e do dia, noite escura, que chama as águas do mar e as espalha sobre a face da terra, o SENHOR é o seu nome. Ele traz repentina destruição sobre a fortaleza, e a destruição vem sobre a cidade fortificada), vocês odeiam aquele que defende a justiça no tribunal e detestam aquele que conta a verdade. Vocês pisam no pobre e o forçam a dar-lhes o trigo. Por isso, embora vocês tenham construído mansões de pedra, nelas não morarão; embora tenham plantado vinhas verdejantes, não beberão do seu vinho. Pois sei quantas são as suas transgressões e quão grandes são os seus pecados. Vocês oprimem o justo, recebem suborno e impedem que se faça justiça ao pobre nos tribunais.

³²

Como vimos, sem abrir mão da esperança escatológica judaica do “Dia do Senhor”³³ o profeta de Israel Amós, em seu oráculo povoado de metáforas e símbolos que, como vimos neste artigo podemos categorizá-los nos regimes durandianos na formulação do imaginário, condena todo tipo de injustiça e exorta o povo a praticar o bem e abandonar o mal.

Enfim, acreditamos que para além do fim do mundo e do alvorecer de uma nova época ou novo tempo, conforme o imaginário

³¹ Amós, foi um profeta de Israel cujas prédicas se deram, aproximadamente, em 760 a. C. Sua mensagem a esta nação foi uma condenação a corrupção moral e as injustiças social de seu tempo.

³² Bíblia, 2021, (Amós 5:7-24)

³³ Dia do Senhor, está frase é utilizado, especialmente, pelos profetas do Antigo Testamento, em alusão ao seu significado escatológico do grande dia da manifestação final da ira e justiça de Deus. Significa, que nele toda a injustiça e pecados serão julgados pelo próprio Deus. Ao tempo que, também, é uma alusão a grande alegria e contentamento para aqueles que obedecem fielmente aos preceitos de Deus.

escatológico pré-milenarista no Brasil afirma, é preciso um repensar na teoria escatológica cristã-evangélica que se preocupe, a exemplo do profetismo hebreu, com o *status quo* vigente da humanidade e do planeta. Uma escatologia que não sirva a fins nefastos e negacionistas, mas que seus agentes tenham audição apurada para ouvir e socorrer aqueles que precisam e que são invisibilizados pelo status social, pela cor da pele etc. Aqueles que sofrem todo tipo de violência e não podem se defender porque lhes falta tanto voz quanto vez no mundo atual.

É urgente que se reflita, também, em uma escatologia que se preocupe, não só com questões antropológicas e ontológicas, mas com a questão cosmológica, afinal de contas o planeta sofre com o abandono e descaso da natureza, e os inúmeros cataclismos são prova de que ao que parece, riscamos a pauta ambiental de nossa agenda. Portanto se não ouvirmos e agirmos em favor desta pauta. Se não nos lançarmos ao cumprimento dos acordos estabelecidos, como vimos na COP26, os cataclismos e as crises sanitárias serão cada vez mais volumosos e aterradores, confirmando e reavivando o imaginário apocalíptico pré-milenarista tão reducionista e fundamentalista.

É assim que o imaginário mostra sua pujança como uma estrutura extremamente essencial na qual se constituem os processos do pensamento humano tanto individual como coletivo, perpassando gerações reproduzindo símbolos, imagens mitos e arquétipos cuja influência se faz sentir nas atitudes e ações do ser real no mundo real, sejam para o bem ou para o mal.

Referências Bibliográficas

- ALVES, Rubem. O que é religião? São Paulo: Loyola, 1999.
- BIBLIA. Português. Bíblia Sagrada NVI (Nova Versão Internacional). 1ª Ed. São Paulo: Geográfica Editora, 2021.
- BUNYAN, John. O Peregrino. (Trad. Eduardo Pereira e Ferreira. 1ª Ed). São Paulo: Mundo Cristão, 2006.
- DUBY, G. Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos. (Trad. de Eugênio Michel da Silva, Maria Regina Lucena Borges-Osório). São Paulo: Fundação Editora da Unesp, 1998.
- DURAND, Gilbert. A imaginação simbólica. Lisboa: Edições 70 Ltda, 1993.
- DURAND, Gilbert. *Champs de l'imaginaire: Textes réunis para Danièle Chauvin*. Grenoble: Ellug, 1996

- DURAND, Gilbert. *Les structures anthropologiques de l'imaginaire*. Paris: Dunod, 1984
- DURAND, Gilbert. O imaginário. Rio de Janeiro: Difel, 2004.
- LADD, Eldon G. O Evangelho do Reino. 1ª Ed. Shedd Produções: São Paulo, 2008.
- LADD, Eldon G. Teologia do Novo Testamento. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Juerp, 1985.
- LATOURE, Bruno. Diante de Gaia: oito conferências sobre a natureza no Antropoceno. São Paulo: Ubu Editora, 2020.
- LATOURE, Bruno. Investigação sobre os modos de existência: uma antropologia dos modernos / Bruno Latour; tradução Alexandre Agabiti Fernandes. Petrópolis, RJ: Vozes, 2019. Pg 260-265.
- LATOURE, Bruno. Jamais fomos modernos: ensaio de Antropologia Simétrica. Rio de Janeiro: Editora 34, 1994.
- LATOURE, Bruno. Reagregando o social: uma introdução à teoria do ator-rede. Salvador: Edufba, 2012.
- LAUSANNE, Movimento. O Compromisso da Cidade do Cabo: Uma declaração de fé e um chamado para agir. 2ª ed. Curitiba: Encontro/Ultimato, 2014.
- LOPES Jr, Orivaldo P. O Diálogo dos Surdos: Igrejas Evangélicas e as Ciências Sociais. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2015.
- LOPES Jr, Orivaldo P. O dualismo das igrejas evangélicas e sua postura sociopolítica. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, 40 (1) 67-89, 2020.
- LOPES Jr, Orivaldo P. O Espelho de Procrusto: Ciência, Religião e Complexidade. Rio Grande do Norte: EDUFRN, 2013.
- LOPES Jr, Orivaldo P. Um outro mundo já começou: questões para a escatologia cristã – Horizonte – *Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião*, v. 10, p. 638-649, 3 jul, 2012.
- MIRANDA, Valtair A. Revelação: como ler e entender o Apocalipse. São José dos Campos: Inspire, 2011
- SCHAEFFER, A. Francis. 1986. Poluição e morte do Homem. Uma perspectiva cristã da ecologia. Junta de Educação Religiosa e Publicações. 2ª Edição. Rio de Janeiro: RJ.
- SCHAEFFER, A. Francis. A morte da razão. 2ª Edição. São Paulo: ABU, 2007.
- STAM, Juan. Palestra Teológica: Escatologia Bíblica e Missão Integral. CLADE III (Congresso Latino Americano de Evangelização). Quito, Equador, 1992.